

## INTERACIONISMO SIMBÓLICO: uma perspectiva psicossociológica

Iris Barbosa Goulart  
Maria das Graças de Castro Bregunci\*

### Introdução

Na configuração histórica do campo da Psicologia, uma matriz teórica destaca-se por seus pressupostos e implicações: o interacionismo simbólico.

Estruturado a partir das primeiras décadas deste século, este referencial centra seus estudos nos contínuos processos de interação e nos significados compartilhados ou simbólicos. Tais processos, tomados como origem social do "eu humano" (*self*) e do ato humano, relacionam-se estreitamente à interiorização de valores e atitudes.

Integrando matrizes filosóficas e sociológicas, o interacionismo simbólico foi vigorosamente assumido pela Psicologia Social; talvez porque represente "a mais sociológica das psicologias sociais" como analisam Manis e Meltzer (1986, p. 496).

Tal origem evidencia a impossibilidade de aprisionamento deste referencial ao exclusivo território da Psicologia — dal o fascínio exercido por suas ricas interfaces sobre estudiosos de relações sociais, de instituições, de grupos, de comportamentos típicos e atípicos, nos mais diversos contextos e, em especial, em Educação.

\* Professoras de Psicologia da Educação da Faculdade de Educação UFMG

Ao fazer uma resenha das orientações teóricas que convergem para o interacionismo simbólico, Kuhn (1968) identifica algumas vertentes básicas: a teoria de papéis e a teoria dos grupos de referência, com marcada influência da Sociologia; as teorias de percepção social, pessoal e do "*self*", ligadas à Sociologia e à Psicologia; e a teoria interpessoal da Psiquiatria e da escola dramatúrgica.

Neste espectro, deve-se creditar a constituição original deste referencial a John Dewey e George Herbert Mead. Muitos autores têm incorporado suas contribuições — em Sociologia, salientam-se Charles Cooley, E. Burgess, Willian Thomas, Francis Merrill, Kingsley Davis e E. Faris; em Psicologia Social, destacam-se M. Sherif, Newcomb, Walter Coutu e Hubert Bonner. Modernamente, salientam-se os sociólogos Erving Goffman e Peter Berger.

O eixo de tais tendências é, efetivamente, o **social**. Como afirmam Doise e Mugny (1981 e 1982), "o princípio do social levado a sério", traduzido em teoria e pesquisa e não apenas anunciado como declaração de intenção. Estes autores incluem a figura de Mead, ao lado de Piaget e Vygotsky, em sua consolidação das mais consistentes abordagens psicossociológicas ou interacionistas, voltadas para a elucidação da construção social da inteligência e das demais funções psicológicas superiores, no contínuo movimento do interpsicológico ao intrapsicológico.

Essa dimensão social perpassa a análise de fenômenos micro-sociológicos tais como relações interpessoais, processo de interação em instituições concretas e de socialização em diversos grupos, rituais, cerimônias e representações de papéis.

A ênfase indicada não constitui uma distinção trivial. Se considerarmos que coexistem as mais diversas correntes psicológicas, muitas delas aistóricas, pré-formistas ou deterministas, é valiosa tal con-

cepção teórica fundada no conceito de ato social. Contrastando com posições empiristas que apenas tomam a dimensão social como uma forma de influência externa sobre o indivíduo, o interacionismo simbólico concebe a conduta humana como plenamente social. Assim, torna-se falaciosa qualquer separação entre o individual e o social — aspectos coletivos e distributivos de um mesmo fenômeno. As dinâmicas individuais e as sociais se articulam continuamente, uma vez que o indivíduo é também uma ativa e criativa fonte de comportamento.

É nesse sentido que o interacionismo simbólico propicia não apenas um arcabouço conceitual ou teórico, mas também uma orientação metodológica para a análise de situações, onde o sujeito humano concreto vive e percebe papéis sociais.

Abordaremos esta perspectiva teórico-metodológica a partir das contribuições de seus principais expoentes — Mead, Goffman e Berger — e de suas derivações para a pesquisa em Psicologia Social e em Educação.

### **A Perspectiva Interacionista Simbólica através de seus Expoentes**

#### *George Mead*

George Herbert Mead pode ser considerado a figura central do interacionismo simbólico, que ganhou, a partir dele, um respeitável estatuto de cientificidade. No terreno filosófico, era um pragmatista e no científico, um psicólogo social. A tarefa da Filosofia Pragmatista consistia em "reinterpretar os conceitos de psique (espírito, mente) e inteligência em termos biológicos, psicológicos e sociológicos e reconsiderar os problemas e a tarefa da Filosofia a partir deste novo ponto de vista" (Morris, 1982, p. 24). Mead abraçou este modelo filosófico, evitando os dualismos entre espírito e matéria, experiência e natureza, Filosofia e Ciência, teoria e prática. Sua teoria sobre inteligência e psique (mente) constitui a base de toda a estrutura de seu trabalho.

Mead e Dewey conviveram na Universidade de Chicago e suas obras se complementam em muitos aspectos, não apresentando, enquanto pragmatistas, oposições significativas.

Como psicólogo social, Mead associou os termos **psicologia** e **social** de uma forma bastante inovadora. Tradicionalmente se identificava a Psicologia com o estudo da pessoa ou da psique individual. Analisando como a psique se torna desenvolvida, reflexiva, criadora, responsável, consciente de si, Mead apontou a influência de um fator desprezado pelas escolas psicológicas: a sociedade. Deste modo, ele se apresenta como um condutista social, posição que é muito influenciada pela sua presença na Universidade de Chicago, num momento em que o ambiente psicológico, intensamente carregado, precipitou-se em formas funcionais e condutistas.

A importância dada ao social parece estar associada à influência dos alemães, que iam se ocupando gradualmente dos aspectos sociais da linguagem, da mitologia, da religião. Tendo estudado na Alemanha, mas não propriamente com Wundt, Mead recebeu a influência deste, passando a relevar o contexto social em que o gesto funciona, em lugar de isolar o conceito de gesto, encontrando nele o rasto do desenvolvimento de uma verdadeira comunicação de linguagem, suporte da psique e do *self* como emergentes sociais.

Durante os três anos em que lecionou na Universidade de Michigan, Mead conviveu com Cooley, que ali iniciava sua carreira sociológica, e sedimentou, com o amigo, sua visão do social.

A oposição entre indivíduo e sociedade e a decorrente radicalização do psicologismo e sociologismo é superada por Mead e as duas ciências — Psicologia e Sociologia — apresentam-se unidas sobre uma base social no corpo de sua teoria.

A contribuição específica de Mead, que perpassa o trabalho de todos os autores que nele se inspiram, pode ser sumarizada nos seguintes pontos:

*A historicidade do indivíduo como autoconsciência, ou seja, a anterioridade histórica da sociedade sobre a pessoa individual.* A Antropologia já havia se referido à essência histórica das formas de vida, dos sentimentos e dos costumes; e a Sociologia do Conhecimento já havia afirmado a gênese sociocultural das categorias de pensamento; mas o caráter histórico do sentimento de si, como algo independente do mundo dos objetos e das pessoas, só foi afirmado por Mead. O ponto de partida de sua teoria é, pois, que o indivíduo só se constitui em pessoa auto-consciente sobre a base de sua pertinência a uma dada sociedade, que preexiste em relação a ele.

*A hipótese do desenvolvimento do indivíduo autoconsciente a partir de uma matriz de relações sociais.* O *self* e a psique, mesmo que tenham uma base biológica, são socialmente emergentes, ou seja, eles se desenvolvem graças a um processo social — a interação social. Neste processo, desempenha papel relevante a adoção de papéis e a internalização sócio-cultural. Desde seu nascimento, cada criança se acha em um grupo com especificações histórico-sociais concretas: uma época, um lugar, uma classe social; e os papéis que ela introjeta e assume no processo de formação da sua individualidade são aqueles que o ambiente lhe oferece.

*O papel da linguagem na transformação do indivíduo biológico em organismo ou pessoa dotada de psique e self.* Esta transformação se deve "à intervenção da linguagem que, por sua vez, pressupõe a existência de uma certa sociedade e de certas capacidades fisiológicas dos organismos individuais" (Mead, 1982, p. 33).

A sociedade é composta de indivíduos biológicos que participam de atos sociais e que empregam gestos, desde as primeiras etapas de seu desenvolvimento, em sua comunicação; os gestos são símbolos, pois indicam, significam e provocam ações adequadas às etapas ulteriores do ato. Pode-se dizer também que os gestos têm significados que não são subjetivos, nem privados, mas que estão presentes na situação social; logo, os membros de um grupo sabem o que significa um gesto usado entre eles.

Em sentido condutista, o indivíduo biológico deve poder despertar em si a reação que seu gesto provoca no outro e usar esta reação do outro para controle de sua conduta posterior. Tais gestos são símbolos significantes. Graças a eles, o indivíduo "adota o papel do outro" para regular sua conduta. Quando o indivíduo "tem consciência" do efeito de um gesto sobre os outros e sobre si mesmo, pode-se dizer que ele usa símbolos e não apenas reage a signos; ele adquiriu, neste momento, uma **psique**.

A mesma mediação da linguagem é responsável pelo aparecimento do *self*. Na verdade, a consciência de si, a psique, o *self* e o símbolo significativo acontecem juntos. Graças à vida em sociedade, o animal impulsivo se transforma num animal racional, num homem; mediante o processo social de comunicação, o indivíduo adquire o pensamento reflexivo (torna-se capaz de avaliar as conseqüências de linhas de ação alternativas) e a capacidade de fazer de si mesmo um objeto para si, vivendo num mundo moral e intelectual comum.

*O conceito de self desenvolvido por Mead aponta para uma construção social.* O *self* é essencialmente um processo social, compondo-se de duas fases distinguíveis: o **eu** e o **mim**. O **eu** é a parte comportamental do *self* e consiste na reação do organismo às atitudes dos outros; o **mim** é a série de atitudes organizadas dos outros que cada pessoa adota, como *self* que tem consciência. Logo, o homem precisa introjetar o outro, o social, para desenvolver o *self*. Mas uma pessoa dotada de *self* é reflexiva, crítica e pode envolver-se em interações que resultam em escolhas que divergem das definições de seu grupo. Neste sentido, ela é capaz de fazer transformações sociais. O conceito de *self* adotado por Mead esclarece, portanto, como o desenvolvimento ou a socialização do homem ao mesmo tempo o vincula à sociedade e o libera desta.

*O conceito de ato sugere uma incorporação dos acontecimentos da realidade social.* Para Mead, a unidade de estudo é o ato, que envolve aspectos manifestos e não-manifestos da atividade humana. Todas as categorias da Psicologia tradicional — emoção, percepção, atenção e outros — enquadram-se no ato. Ele admite que os atos não

são respostas mecânicas a estímulos do meio; o indivíduo envolve-se em um processo de construção, organizando seu comportamento.

Esta posição teórica releva tanto a importância das predisposições adquiridas (motivações, valores, interesses, etc.) quanto a do contexto social em que o ato se efetiva. Ela demonstra a significação dos valores do grupo, no qual ocorrem as percepções e outros atos, e coloca o que é percebido no contexto das atividades das pessoas.

A partir deste conceito de ato, pode-se compreender como, no processo de interação, os grupos humanos desenvolvem uma linguagem comum, uma compreensão comum das coisas e expectativas também comuns.

### *Erving Goffman*

A abordagem de Goffman, essencialmente dramaturgica, se sustenta em uma densa teoria de papéis, seja privilegiando a dimensão do *self* no desempenho social do indiv(duo-ator (Goffman, 1975), seja desvendando a "carreira moral" dos sujeitos que ingressam em instituições fechadas ou "totais" (Goffman, 1961).

A interpretação interacionista de Goffman destaca a força das situações sociais na origem e na manutenção de desempenhos e considera o *self* no seu aspecto de sujeito ativo — o indivíduo vê seu próprio comportamento, mas também o dirige e o guia, modelando as imagens de si que são acessíveis aos outros.

Um dos pilares desta abordagem é o papel atribuído às primeiras impressões na vida cotidiana ou à **definição da situação**. Este momento da situação interativa traduz a definição de pautas de percepção e de conduta — as expressões de um participante se transfiguram em impressões nos demais co-participantes, delimitando aspectos da situação de interação. Assim, o primeiro passo consiste em definir para si o *status* e o papel do outro e, a partir daí, definir, para si mesmo, seu próprio papel no acontecimento.

As primeiras impressões oferecem elevado potencial de inferências e projeções com grande força moral, base da atividade de representação e da dimensão dramática das máscaras institucionais:

"O indivíduo solicita aos outros que tomem a sério a impressão promovida; que acreditem que ele tem, na verdade, os atributos que aparenta possuir; e que, portanto, sua ação terá as conseqüências que ele implicitamente pretende — que, enfim, tudo é como parece ser." (Goffman, 1975, p. 25).

Duas amplas dimensões expressivas são destacadas por Goffman neste campo de representações: a elaboração cênica e a realização dramática.

Na primeira delas, destaca-se a fachada, desempenho expressivo que, intencionalmente ou não, é utilizado nas definições de situações. Ela abrange figura (o próprio ator) e fundo (o cenário amplo) e é a vertente formal da representação. Tal região se complementa com os bastidores — local informal de preparação da representação — e com o lado de fora, reduto dos "outros" ou dos estranhos.

A realização dramática, por sua vez, consiste na demonstração do significado das atividades de um indivíduo para os outros. É o espaço em que se veiculam indícios ou sinais confirmatórios desses significados, por força de dramatizações referentes às primeiras impressões, idealizações, mistificações ou ritualizações. Incluem-se neste espaço dois tipos básicos de significantes expressivos — os que os sujeitos **enviam**, através de signos verbais, e os que **emanam** de sua atuação, através de expressões e modos não-verbais. São significantes que se colocam a serviço da tarefa de assegurar a credibilidade dos co-participantes da situação e manutenção de desempenhos.

Também na análise da vida institucional, do mundo do internado e da equipe dirigente, o foco do trabalho de Goffman (1961) é a versão sociológica da estrutura do eu, sem direções determinísticas. A descrição de disposições institucionais delinea prerrogativas pessoais

de um participante, incluindo sempre suposições psicológicas — os processos cognitivos e afetivos não podem ser omitidos, pois as disposições sociais precisam ser "lidas" pelo indivíduo e pelos outros, para que se encontrem as imagens supostas e idealizadas. Poder-se-ia afirmar, assim, que na consolidação de mais esta ponte a partir do interacionismo simbólico, Goffman supre lacunas na consideração da dimensão emocional, lacunas essas usualmente apontadas em críticas à obra de Mead (Manis, Meltzer, 1968, p. 495).

### *Peter Berger*

Peter Berger é um sociólogo cuja produção, desenvolvida principalmente nos Estados Unidos, caracteriza-se como interacionista simbólico e se aproxima de maneira significativa do trabalho de Mead. A construção teórica de Berger tem pressupostos antropológicos influenciados por Karl Marx e pelas implicações antropológicas tiradas da biologia humana por Helmuth Plessner, Arnold Gehlen e outros. Sua concepção de realidade social está muito ligada a Emile Durkheim, embora ele tenha modificado a teoria durkheimiana de sociedade pela introdução da perspectiva dialética de Marx e pela acentuação da constituição da realidade social mediante a colocação de significados subjetivos buscados em Weber. Os pressupostos psicossociológicos, importantes para a análise da interiorização da realidade social, são influenciados por George Herbert Mead e pela escola interacionista simbólica americana (Berger, Luckman, 1974).

Pode-se dizer que Berger, juntamente com Luckman, fez a necessária integração das obras de Mead e Durkheim, o que permite o trabalho com um conceito de estrutura social não elaborado pelos interacionistas simbólicos americanos.

Berger é, essencialmente, um teórico do cotidiano e, como tal, dedicou-se à análise de como a realidade é constituída socialmente e de como esta realidade é interiorizada pelo homem, resultando no conhecimento. A análise destes dois processos, acrescida da análise fenomenológica da realidade da vida cotidiana, constituem a sua sociologia do conhecimento.

Ao analisar a interiorização da sociedade pelo indivíduo (a sociedade como realidade subjetiva), Berger realça o papel dos "outros significativos" e da estrutura social na construção de uma identidade coerente e plausível. Constrói, deste modo, uma teoria da identidade, na qual é inegável uma relação dialética entre o indivíduo e seu mundo. Abordando os processos de socialização primária e secundária, Berger avalia, como os demais interacionistas simbólicos, o papel da linguagem nos processos sociais e, indo além do que propõe Mead, analisa a influência da estrutura social no processo de socialização. Faz ainda referências ao processo de institucionalização, considerado como suporte da tipificação recíproca de ações habituais. Como tais padrões de conduta se sujeitam a definições prévias, aí se envolvem as dimensões de historicidade e controle social. É no mundo institucional que se traduz a atividade humana objetivada; a biografia individual é episódio localizado nesta história social objetiva.

O que de fato interessa, na perspectiva de Berger, é a revelação das mediações existentes entre os universos macroscópicos de significação, objetivados socialmente, e os modos pelos quais estes universos são subjetivamente reais para os indivíduos, ou seja, como se manifestam em suas consciências: "A realidade é socialmente definida, mas as definições são sempre encarnadas — indivíduos concretos e grupos de indivíduos servem como definidores da realidade" (Berger, Luckman, 1974, p. 157).

### **Implicações para a Pesquisa e Aplicações à Educação**

#### *A Construção da Identidade e os Processos Relacionados a Ela*

A pesquisa sobre a construção da identidade vem tentando superar o radicalismo das posições psicológicas, que consideravam a personalidade como construção do indivíduo, sem reconhecer os determinantes sociais ou as trocas entre o homem e seu mundo.

O interacionismo simbólico faz referência à personalidade como "entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos

outros para ele significativos. Este processo não é unilateral nem mecanicista. Implica uma dialética entre a identificação pelos outros e a auto-identificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada" (Berger, Luckman, 1974, p. 177).

Esta referência à construção da identidade, feita por um dos mais respeitados interacionistas simbólicos modernos, deixa claros alguns aspectos da matriz teórica que a sustenta:

- a possibilidade de uma Psicologia Social Dialética, que seria aliada da Antropologia Filosófica e da Sociologia e que pode ser creditada, inicialmente, a Mead. A este modelo se somam as contribuições de outras correntes do pensamento social científico, incorporadas por Berger;
- a referência à teoria de papéis, à medida que cada pessoa responde às expectativas sociais, ao desempenhar os papéis que os outros definem para ela;
- a referência à teoria dos grupos significativos, já que a interiorização só acontece na medida em que há identificação; e esta só é possível, quando há ligações emocionais com os outros que por isto, se tornam outros significativos.

Este suporte teórico deixa bem clara a interface da Psicologia e da Sociologia na interpretação do processo de construção social da identidade.

Nesta perspectiva, pode-se concluir que a identidade é atribuída socialmente, sustentada socialmente e transformada socialmente. Mead, o teórico que constitui a referência básica deste modelo teórico, identifica a gênese do eu com a descoberta da sociedade, já que a criança aprende quem ela é ao aprender o que é a sociedade, ao "assumir o papel do outro".

A identidade é atribuída pela sociedade, mas é preciso que o contexto

social assegure sua manutenção, à medida que as outras pessoas estejam dispostas a reconhecer o sujeito como aquela pessoa que ele está sendo (aquela identidade). Cada vez que o indivíduo se liga a pessoas que sustentam suas auto-interpretações, ele confirma sua identidade. Assim, verifica-se que, na sociedade, os sistemas de controle social mantêm um dispositivo de geração e transformação de identidade. É nessa perspectiva que o papel do **preconceito** precisa ser analisado — uma séria consequência do preconceito é fazer com que o indivíduo se torne aquilo que a imagem preconceituosa afirma que ele é.

A questão da transformação da identidade também deve ser considerada no âmbito das relações entre a sociedade e a identidade. Qualquer alteração drástica de uma identidade requer a existência de um grupo que ratifique a transformação. Os ritos de passagem são os meios pelos quais um grupo torna-se abonador de uma nova identidade, quanto, por exemplo, se passa de adolescente a adulto, de estudantes a graduado, de funcionário a chefe.

A maneira como o interacionismo simbólico analisa esses processos de geração, conservação e alteração da identidade permite que este referencial se preste também à avaliação do papel dos preconceitos, dos valores grupais e dos ritos de passagem.

A interiorização da realidade social, um dos momentos da construção social da identidade, dá-se graças à socialização, processo mediante o qual o homem adquire modos de se comportar, valores, normas e atitudes, progressivamente abstraídos pela criança ao longo da socialização primária.. Já na socialização secundária, há uma interiorização dos submundos institucionais pelo sujeito e este processo é permeado pela complexidade da divisão do trabalho e pela concomitante distribuição social do conhecimento.

Enquanto a socialização primária não pode ser realizada sem o vínculo afetivo da identificação com os outros significativos, a maior parte da socialização secundária dispensa esta identificação, este vínculo,

requerendo apenas um tipo de comunicação entre seres humanos. Enquanto na socialização primária a criança interioriza o mundo dos pais como sendo "o mundo", isto é, o único mundo existente, na socialização secundária é o contexto institucional que deve ser percebido e avaliado em termos de sua visão particular de mundo. Assim vive-se no mundo dos pais sem condições de sair dele quando se é criança, mas pode-se "esquecer" o mundo da escola ao sair de férias.

Na construção da identidade, estes modelos de socialização desempenham papéis diferentes e, no momento da socialização secundária, o indivíduo deve ser capaz de estabelecer uma distância entre seu eu total e sua realidade, de um lado, e seu eu parcial específico e a realidade dele, de outro lado. Quando esta distância não é percebida, surge o que Goffman trata como uma psicopatia ao analisar a questão dos asilos e que reflete uma formação deficiente da identidade.

O desenvolvimento da educação moderna é o melhor exemplo de socialização secundária realizada por organizações especializadas. Neste caso, ocupa papel de destaque a escola, que pode constituir alvo de análise desta perspectiva teórica, que também oferece subsídios para as pesquisas sobre a família, entidade responsável pela socialização primária.

Sendo uma abordagem psicossociológica, não-reducionista, o interacionismo tem assegurado seu espaço em estudos relativos à construção da identidade em contextos diversos (Goulart, 1990).

#### *Análise de Papéis Sociais, Grupos e Instituições*

É evidente, a partir dos pressupostos já apresentados, a contribuição conceitual e metodológica do interacionismo simbólico para a análise de papéis sociais.

A teoria de papéis sociais consiste em uma criação intelectual genui-

namente americana, remontando a William James e, mais diretamente, a Charles Cooley e George Mead. Embora seu estatuto extrapole bastante o referencial aqui elaborado, os interacionistas modernos muito contribuíram para sua elucidação e investigação.

Como destacam Berger e Luckman (1974), papéis são representações institucionais e mediações de conjuntos de conhecimento institucionalmente objetivados. Cada papel transporta, assim, um apêndice socialmente definido de conhecimento ou uma tipificação em um contexto comum a uma coletividade de atores. É experimentando subjetivamente o papel — como "eu social" objetivado — que cada ator pode refletir sobre as próprias ações e estabelecer distância com relação a elas.

Dada tal complexidade, a aprendizagem de papéis supõe a iniciação nas várias camadas cognitivas e afetivas do corpo de conhecimentos adequado a eles, o que sempre implica distribuição social do conhecimento e hierarquização em sua importância, como se analisou anteriormente.

Tal concepção encontra ressonância na abordagem de Goffman (1975). Segundo ele, um papel social consiste na promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, envolvendo práticas ou padrões de ação pré-estabelecidos, desenvolvidos durante cada representação. É de acordo com a pauta de interações e expectativas que os papéis se configuram como adequados ou discrepantes, certamente filtrados por nossos grupos de referência.

A teoria do grupo de referência é outra contribuição americana, responsável pela conexão entre sociologia do conhecimento e teoria de papéis (Berger, 1983). Utilizado pela primeira vez por Hyman na década de 40, o conceito de grupo de referência foi desenvolvido por vários sociólogos americanos, como Merton e Shibutani, sendo utilizado na pesquisa do funcionamento de organizações de vários tipos.

Um grupo de referência é a coletividade cujas opiniões, convicções e rumos de ação são decisivos para a formação de nossas próprias opiniões, convicções e rumos de ação. Através de tal grupo podemos obter um modelo com o qual nos comparemos continuamente; assim, ele constitui critério para nossos posicionamentos ideológicos, crenças políticas, valores e estereótipos. Implica, ainda, em função de filiações ou desfiliações, compromissos cognitivos específicos. Este é, enfim, o terreno da efetiva dinâmica sócio-psicológica ocupado, por muitas "oficinas de construtores sociais da realidade", na expressão de Berger (1983, p. 135).

São inumeráveis as experiências e pesquisas desenvolvidas em Psicologia Social sobre essas temáticas, destacando-se variáveis como percepções, opiniões e pressões de grupos. Na perspectiva que nos interessa mais precipuamente, reiteramos o registro das investigações resenhadas por Manis e Meltzer (1968). Promissora, ainda, é a linha de análise sugerida por Goffman (1961), na vertente institucional. As temáticas relacionadas a instituições totais, papéis discrepantes, identidade e despojamento de papéis, definição de situações e ritualizações encontram provocativas direções de trabalho nesse referencial.

### *Relações Interpessoais na Escola*

Uma das áreas mais fecundas de aplicação do referencial aqui apresentado consiste na pesquisa sobre a interação em sala de aula e em suas derivações para a formação do professor e a prática pedagógica.

Cada vez mais este campo de investigação deixa de ser estigmatizado como "miúdo" ou "reducionista", na ânsia atual, também assumida pela Psicologia, de avançar na construção de pontes e interfaces do conhecimento, superando fronteiras originais entre macro e micro, social e individual, coletivo e singular.

O processo de socialização escolar e o ato pedagógico devem ser,

efetivamente, elucidados em seus amplos determinantes históricos e sócio-estruturais. Contudo, não se pode perder de vista sua concretização, materializada em indivíduos singulares e em suas interações.

O ato pedagógico é singular porque se insere em relações de estreita dependência com o papel do professor, papel este crucial na emergência ou na inibição do desejo de saber.

Ele é singular também porque o sentimento de contar ou não para outrem, repetitivo no cenário institucional e em toda a socialização escolar do indivíduo, é fundamental à sua percepção sobre seu lugar existencial e social.

É na construção social da realidade que essas definições singulares se encarnam — como preconiza o interacionismo simbólico. Este mesmo referencial pode, assim, iluminar as redefinições desta realidade, reorientando o aparecer da escola, como mediação, para o destino das pessoas.

Um ponto de partida consiste em uma prática de ensino voltada para o universo psicossocial da sala de aula, em permanente postura reflexiva e crítica. Embora muitos trabalhos, alicerçados nas contribuições interacionistas, venham se dedicando a propostas de tal natureza, reportamos, aqui, a alguns diretamente relacionados a nossa prática de ensino e de pesquisa (Ribeiro, 1982; Ribeiro, Bregunci, 1986; Bregunci, 1988).

Observar a situação da sala de aula na perspectiva aqui proposta — como auto-trabalho compartilhado e coletivo — é tarefa complexa, em função de dimensões latentes e inconscientes derivadas de nosso próprio processo de socialização escolar.

Dentre os focos iluminados pelo interacionismo, é extremamente relevante observar, por exemplo, como professores e alunos definem a situação que irão viver em conjunto, ou seja, os primeiros contatos, onde se dão as primeiras definições e primeiras impressões.

A sala de aula surge, a(, como um grande palco, onde professores e alunos colocam suas "máscara sociais" e começam a desempenhar papéis. Eles estarão se dizendo, por atos, conversas e expressões em geral:

— eis o que quero ser.../ é assim que desejo que você me perceba;

— eu vejo você assim.../ espero que você seja assim...;

— se você não for deste modo, eu... etc.

A essência do trabalho de observação seria o desvelamento desse conjunto de coisas ditas por palavras, atos ou modos, presentes na cena e na dramatização. São relevantes a compreensão da configuração espacial, do conjunto perceptivo que integra a fachada, a figura e o fundo, bem como as dimensões grupais emergentes: as impressões mais freqüentes, as formas de comunicação, as variações nos contextos formais e informais de interação.

Do ponto de vista metodológico, é necessário realçar que o intuito do registro e da análise de tais observações é o retorno ao próprio professor. Em última instância, o foco é a análise de seus próprios atos, para que o ator se torne, simultaneamente, seu próprio analista. Transformar cada professor em um observador-participante é uma provocativa derivação metodológica da perspectiva interacionista simbólica.

A posição de observador-participante supõe superação de modelos e automatismo e aprendizagem de habilidades — trabalha-se com dados observacionais (relacionados ao **eu**) e fenomenológicos (dados do **eu** vistos por **mim**, como consciência do *self*), buscando-se as pistas de cada situação e contexto. O sujeito exercita o duplicar-se — observar o que acontece e o que acontece a ele-na-situação do momento. Há a perspectiva própria e a reflexão simultânea sobre aquilo que se vive; a participação na situação e o distanciamento necessário à observação e à ação.

Esta pode ser outra face da competência psicológica para ensinar e interagir, através da aceitação do **espelho** oferecido pelos co-participantes e "outros significativos". Através desta face, torna-se menor o risco de reificação de papéis — um dos focos de análise do interacionismo — registrado quando as objetivações são apreendidas como fatalidades, negando-se a responsabilidade e o poder de produção de novas realidades. Embora seja um acontecimento tardio nas perspectivas histórica e biográfica, a "desreificação" pode ser um dos corolários desta postura conceitual e metodológica.

### Dimensões Críticas e Lacunas

Apesar de terem sido focalizadas, neste estudo, as contribuições positivas do interacionismo simbólico, algumas críticas vêm sendo dirigidas a este modelo teórico:

- O indeterminismo de alguns de seus expoentes, especialmente de Mead, no tocante às abordagens conceituais de **eu/mim**, de *persona/self* e espírito/psique utilizadas de maneira vaga e intuitiva.
- A limitação do referencial teórico para interpretação de fenômenos macrosociais. O estrutural funcionalismo tem sido o maior crítico desta limitação, advogando para si o alcance da análise macrosociológica de fenômenos.
- A subestima dos fatores emocionais no quadro da conduta humana e o desconhecimento da dimensão inconsciente. Segundo seus críticos, o interacionismo simbólico enfatiza o aspecto racional da conduta; e a falta de referências ao inconsciente não é substituída por conceitos alternativos.
- A limitada aplicabilidade ou valor heurístico dos conceitos. Esta crítica é decorrente do indeterminismo apontado na primeira crítica que apresentamos.

Deve-se admitir que cada referencial teórico usado pelas ciências

humanas decifra parcialmente a realidade, sem ter condições de entender sua capacidade de interpretação à totalidade; daí a necessidade de complementações e sínteses intra e interdisciplinares.

Apesar das críticas apontadas, o interacionismo simbólico consegue uma visão bastante abrangente que, no dizer de Kuhn (1968, p. 46), deve ganhar a competição com as mais importantes teorias, como a Psicanálise, a Teoria de Campo; pois "somente o interacionismo simbólico é logicamente consistente com as proposições básicas das ciências sociais: a unidade psíquica do homem, a criatividade do homem, a contínua modificabilidade e sociabilidade do homem, a habilidade do homem de rever construtivamente seu próprio comportamento".

#### Referências bibliográficas

- BERGER, P. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1983. 202p.
- BERGER, P., LUCKMAN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1974. 247p.
- BREGUNCI, Maria das Graças C. **Representações de alunos no cotidiano de uma instituição de terceiro grau**: um estudo fenomenológico. Belo Horizonte, 1988. 278p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.
- DOISE, Willem, MUGNY, Gabriel. **Le développement social de l'intelligence**. Paris: InterÉditions, 1981. 199p.
- \_\_\_\_\_. **L'explication en Psychologia sociale**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. 233p.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1961. 312p.
- \_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis. Vozes, 1975. 233p.
- GOULART, Iris B. Psicologia da Educação: considerações sobre seu papel e alternativas para sua abordagem. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 10, p. 37-41, dez. 1989.
- \_\_\_\_\_. **Mulher mineira na Educação**: um estudo da identidade feminina através da memória. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação/CNPq, 1990.
- KUHN, M.H. Major trends in symbolic Interaction theory in the past twenty-five years. In: MANIS, Jerome G., MELTZER, Bernard N. (Eds.). **Symbolic interaction**: a reader in social Psychology. Boston: Allyn and Bacon, 1968. p. 46-67.
- MANIS, Jerome G., MELTZER, Bernard N. (Eds.) **Symbolic interaction**: a reader in social Psychology. Boston: Allyn and Bacon, 1968. 497p.
- MEAD, George H. Mind, self and Society. In: COSER, L.A., ROSEMBERG, B. (Eds.) **Sociological theory**: a book of readings. New York: Macmillan, 1969. p.111-115.
- MEAD, George H. **Espiritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1982. 393p.
- MORRIS, Charles W. George Mead como psicólogo y filósofo social. In: MEAD, George. **Espiritu, persona y sociedad**. Buenos Aires: Paidós, 1982.
- RIBEIRO, Laura Cançado. **Auto-percepção e percepção de papel em professores**: estudo exploratório em uma instituição de terceiro grau. Belo Horizonte, 1982. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 1982.
- RIBEIRO, Laura Cançado, BREGUNCI, Maria das Graças C. **Interação em sala de aula**: questões conceituais e metodológicas. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986. 96p.